

A (improvável) criação de uma mapoteca escolar

Alexandre Cardoso

Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas, Porto

alexandre.cardoso@aerfreitas.pt

Resumo: Este texto visa dar a conhecer uma metodologia de trabalho idealizada no sentido de recuperar, catalogar e divulgar o acervo cartográfico da Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas (EBSRF), e das restantes escolas que fazem parte do Agrupamento que a instituição coordena, bem como partilhar as experiências (mais ou menos bem sucedidas) que tiveram lugar ao longo de dois anos para construir a “Mapoteca Rodrigues de Freitas”. A perseverança e o improviso foram a base deste projeto porque tudo era novo e muitos dos problemas com que nos deparamos eram impossíveis de prever. Da mesma forma os materiais catalogáveis foram-se descobrindo e, dessa forma, abrindo novas frentes de trabalho e variando as temáticas desta mapoteca que aos poucos também foi ganhando contornos de fototeca, mediateca... Em suma, um projeto desafiante e com um rumo que se continua a construir.

Palavras-chave: mapoteca, Cartografia, WordPress, catalogação, Adobe Camera Raw, audiovisual.

Abstract: This text aims to disclose a working methodology designed to recover, catalog and disseminate the cartographic collection of Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas (EBSRF), and the other schools that are part of its group, as well as sharing experiences (more or less successful) that took place, over two years, to build the “Rodrigues de Freitas Map Room”. Perseverance and improvisation were the basis of this project as everything was new and many of the problems we faced were impossible to predict. In the same way, catalogable materials were discovered and new working paths were opened. Gradually the map room incorporated scientific instruments, photos, movies... In short, it is a challenging project with a direction that is not yet certain!

Keywords: map room, cartography, WordPress, cataloging, Adobe Camera Raw, audiovisual.

Um pouco da nossa história

A Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas (EBSRF), ex-Liceu Central do Porto (1836–1910), ficou a dever o seu nome ao triunfo da Revolução Republicana e, desta forma, à evocação de uma das personalidades mais eminentes do panorama social e político de então. E assim se manteve até 1940, data em que a instituição foi (re)batizada com o nome do último rei de Portugal, D. Manuel II,

reflexo da profunda mudança que os Liceus sofreram durante o período do Estado Novo. Mas, assim como o 25 de abril de 1974 devolveu a democracia à escola, esta recuperou a anterior designação – Escola Secundária Rodrigues de Freitas – que manteve até à última reorganização orgânica, quando passou a coordenar um agrupamento de estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e ganhou a atual designação “Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas”. Desde 1957,

a classificação como Liceu Normal, acompanha o seu papel em termos de importância pedagógica. O Liceu Normal de D. Manuel II passou a ser “a escola” de referência do Porto e, em parte, do norte do país, acumulando distintos “acervos documentais temáticos” (Fig. 1).

Os “Liceus Normais eram as instituições organizadas para proceder à formação e certificação dos professores de ensino secundário. Em todo o país havia, nessa época, só três liceus normais: o Liceu Normal de Pedro Nunes, em Lisboa, o Liceu Normal D. João III, em Coimbra e o Liceu Normal de D. Manuel II, no Porto” (Cortesão, p. 192), por essa razão chega-

va, pelo menos, um exemplar de toda a produção científica e literária relevante editada em Portugal, bem como a dotação de verba para a aquisição de material pedagógico (Saraiva, 2024, p. 2). Por seu lado, os professores do Liceu desenvolviam uma significativa investigação científica e ação de divulgação (Grosso, 2016, p. 271), ainda que não totalmente isentas, porque as ideias tinham que estar alinhadas com a orientação política do país. Daí ser natural que uma grande parte da Cartografia e do restante material audiovisual deste acervo remeta para a propagação do Estado Novo, para o império colonial (a partir de dada altura desig-

Figura 1 – Exemplos cartográficos do espólio da mapoteca da EBSRF.

A) Nomenclatura Geographica. B) África Zonas de Vegetação (elaborado por ex-alunos). C) Panorama Géographique de AFR. D) Modelo hipsométrico com base na folha 3 da Carta Topográfica de Portugal (elaborado por ex-alunos). E) Formaciones Cuaternarias. F) Portugal n'est pas un petit pays.



nado de “Ultramar”) e para o estudo das ex-colónias.

Sendo o Liceu Normal de D. Manuel II, orientador e representativo da educação de então, com uma função tão diferenciadora no que respeita à formação de professores, o material pedagógico teria de ser diverso, distinto e em grande quantidade. Neste contexto, o estudo da Geografia e o exercício da Cartografia ocupavam um lugar central na Escola, justificando o acervo cartográfico e audiovisual existente (e o que se terá perdido).

Ainda há menos de meio século o Grupo de Geografia presente na instituição era composto por mais de 30 professores e era conhecida e regular a ligação e articulação entre o Liceu e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi daqui que saíram, na década de 70, alguns dos fundadores do curso de Geografia na Faculdade de Letras, como a Professora Doutora Rosa Fernanda Moreira da Silva ou o Dr. Bernardo de Serpa Marques.

Figura 2 – Fachada da EBSRF com o espaço da mapoteca assinalado do lado direito do edifício.



Os mapas e demais material audiovisual foram uma espécie de Google até há poucas décadas. O recente e vertiginoso crescimento do digital tornou tudo obsoleto. Assim, ao longo da primeira metade do século XX, a EBSRF reuniu uma das maiores coleções de mapas escolares do país e, felizmente, existiu aqui o que faltou noutras escolas: professoras e professores de Geografia zelosos, que abraçaram a tarefa de cuidar dos mapas e restante material audiovisual ao longo das etapas e dos momentos de mudança e risco de perda, e se comprometeram a organizar a passagem de testemunho. Compete-me agora dar continuidade a este desígnio e é essa a experiência que quero partilhar neste texto (Fig. 2).

Ideia e ponto de partida

Tendo integrado o corpo docente do grupo de Geografia da EBSRF desde 2022, logo tomei conhecimento da dimensão e valor dos acervos patrimoniais existentes na histórica Escola de ensino secundário: arquivo, biblioteca, laboratórios, museu... e mapoteca. Do meu interesse pela Cartografia no ensino de Geografia, nasceu o desafio que me foi colocado pela Direção da EBSRF, em setembro de 2022, para estruturar um projeto em torno da coleção de mapas escolares existente na instituição.

Para a “construção” da mapoteca interessou-nos não só o universo de mapas e plantas, mas também os tra-

balhos cartográficos elaborados por alunos, professores e estagiários da Escola e os recursos audiovisuais afetos à Geografia, como fotografias, negativos, diapositivos e filmes. Tudo isso representa uma síntese de diferentes olhares e traços do espaço num tempo, uma marca do exercício letivo na EBSRF e dos rumos da Cartografia e, como tal, justifica-se a sua inventariação e divulgação.

O acervo engloba muitos, variados e repetidos mapas, alguns com várias edições. Até ao momento estão criados cerca de 700 registos no site da mapoteca, sendo que cada um poderá corresponder a um documento ou a uma coleção (com vários documentos). Invariavelmente, a marca da passagem do tempo confirmou a situação destes materiais ultrapassados e obsoletos que, progressivamente, foram ficando

arrumados nas estantes, degradados e sem manutenção, sem um fim útil que justificasse grande atenção. O tempo dos mapas de parede, em papel, dos diapositivos, dos filmes de 8mm e de 35mm (ou de bobine) acabou, e o destino destes materiais foi o “abate” formal, o caixote de lixo informal ou um envergonhado canto de prateleira onde não causassem incómodo.

Nas escolas, geralmente, os “rolos de papel” (todos os documentos que estão enrolados) são “mapas de Geografia”! Durante o primeiro ano deste projeto recebi “rolos de papel” diversos, como presumíveis mapas, mas que eram afinal quadros parietais das áreas de Ciências Naturais, de Línguas, de Físico-Química e de História, depositados e alguns arrumados (ou atirados, conforme a sensibilidade da pessoa a quem coube a ingrata tarefa) em dois espaços bem identificados: as águas-furtadas (vulgar sótão) ou a cave.

Desta realidade surge o primeiro problema para os documentos em causa porque, geralmente, esses são

Figura 3 – Acesso às salas do “sótão”

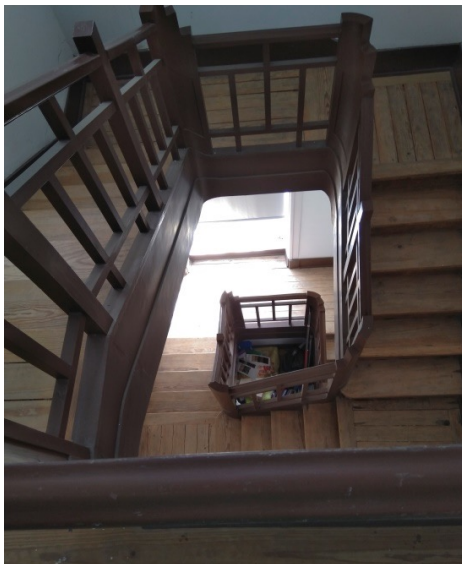


Figura 4 – Sala da mapoteca (Set 2022)



espaços sujeitos a infiltrações ou inundações, com grande variação de temperatura, pouco arejados e muito húmidos. Apenas um exemplo. Quase todo o acervo cartográfico da Escola Básica da Torrinha (uma das escolas sob a tutela da EBSRF, antes Agrupamento autónomo e também com uma considerável coleção de mapas), guardado numa cave, perdeu-se em consequência de uma inundação.

Os últimos vinte anos foram particularmente penosos para a acomodação destes e de outros materiais. No caso da EBSRF, a instalação do Conservatório de Música do Porto na ala do edifício onde se encontrava a sala de Geografia (que funcionava como espaço de depósito deste património) e, conseqüentemente, as obras de requalificação por parte da empresa "Parque Escolar", obrigaram ao transporte e arrumação rápida e expedita de mais de 600 mapas e cartas de tamanhos diversos e, muitos, em estado de elevada fragilidade, para uma das salas do espaço que se pode considerar como o sótão da Escola, sem elevador e apenas acessível por uma bonita mas estreita escadaria em caracol (Fig. 3). Esse trabalho foi executado por duas docentes de Geografia que, com coragem e conscientes do valor da coleção, subiram e desceram muitas vezes quatro pisos, carregando cuidadosamente os documentos.

Para esse espaço foram mobilizados não só os mapas, mas também o arquivo morto da Biblioteca Jaime Cortesão, bem como material avulso e obsoleto de diferentes departamentos

e grupos disciplinares e algum mobiliário degradado... tudo devidamente misturado, convivendo com muitas teias de aranha e muitos peixinhos de prata, durante anos. O aspeto daquela sala, quando me foi dada a conhecer pela Direção da EBSRF, não era de todo animador ou convidativo para trabalhar (Fig. 4). Aliás, a demorada limpeza e organização do espaço constituiu a primeira etapa do projeto. Nesse momento apercebi-me que poucas pessoas na instituição conheciam aquele recanto da Escola. No final de várias semanas de trabalho, o ambiente encontrava-se mais apresentável! (Fig. 5)

Metodologia e desenvolvimento do projeto

Geralmente um projeto começa do zero... pois este começou um pouco mais atrás. Nada estava feito ou preparado para a implementação do que quer que fosse (Fig. 4) Apenas havia vontade e capacidade de fazer. Antes de se inventariar a documentação, teve que se preparar o espaço para o efeito.

A limpeza e a criação de condições de trabalho naquela sala foram feitas pelo próprio, não por negligência dos funcionários, mas porque não podia ser de outra maneira. A maior parte do espaço da sala estava ocupada por materiais diversos e dispersos (não catalogados) e que era necessário identificar e separar e só depois era possível limpar aqueles metros quadrados onde se haviam concentrado algum

mobiliário velho, livros, revistas, documentação de arquivo e muitos mapas parietais.

À medida que se ia limpando também se ia separando e fazendo uma primeira triagem dos documentos e objetos (mapas, cartas, atlas, trabalhos de ex-alunos...) e colocando-os, com a afinidade possível, em caixas de papelão distribuídas ao longo das paredes de modo a deixar um espaço central livre onde se pudesse começar a trabalhar (**Fig. 6**).

Durante este processo eram guardados todos os pedaços soltos de mapas ou cartas que se encontravam. Considerando o estado de muitos dos mapas da coleção, a maior parte desses pedaços, dispersos, permitiram retocar e completar a informação em falta em cada documento (**Fig. 7**). Tem sido um trabalho de paciência, numa espécie de puzzle que se vai completando com metros de fita-cola de pa-

pel (vulgarmente conhecida por “fita de pintor”)¹ que se coloca na parte de trás dos mapas (ou entre o papel e a tela), recuperando a informação possível e melhorando o documento para o registo fotográfico. Posteriormente, cada mapa é limpo com produtos secos e não abrasivos (no caso espanador e mopas). Todo este trabalho deveria ser feito com luvas mas, como estas dificultam em muito o manuseamento da fita adesiva, acabam por ser preteridas para agilizar o processo (**Fig. 8**).

¹ A utilização deste tipo de fita adesiva, apesar de menos ofensiva para os documentos, não é aconselhável, aliás não é aconselhável a utilização de qualquer fita adesiva no restauro de qualquer documento. No limite e em caso de não ser possível restaurar de outra forma, no imediato, deve-se utilizar a fita adesiva 19mmx33m Scotch Magic. Neste caso, por desconhecimento e falta de pesquisa mais apurada, só tive acesso a esta informação tardiamente.

Figura 5 – Sala da mapoteca (Set 2023)



Considerando a dimensão, qualidade e variedade do acervo, a ideia para lhe dar visibilidade foi criar um arquivo digital que pudesse ser disponibilizado online a partir da página da EBSRF (<https://siteaerfreitas.pt>). Dito desta forma parece simples, mas o processo para atingir tal propósito mostrou-se mais complexo do que aparentava ser (Fig. 10). Para um professor,

Figura 6 – Criação do espaço de trabalho



Figura 7 – Recuperação de um mapa



mero utilizador de conteúdos digitais, a partilha na sua conceção revelou-se um “mundo novo” que permitiu a desconstrução de ideias pré-concebidas. Partimos da ideia de que eram “simples” determinados tipos de procedimentos e recursos digitais mas, na realidade, não o eram e, muitas vezes, não eram sequer possíveis de realizar. Inicialmente, depois de discutidas com a equipa técnica as variáveis a identificar, recolher e fixar, construiu-se uma ficha em excel para servir de suporte ao inventário e começamos o trabalho de registo fotográfico dos exemplares.

Cada mapa ou coleção de mapas ou de plantas (no caso, “carrossel de imagens” no sistema WordPress² que é a base digital deste inventário) tem um número atribuído que faz a ligação entre o documento físico, a ficha

² O WordPress é um sistema open-source de gerenciamento de conteúdo licenciado no âmbito da GPLv2, o que significa que qualquer pessoa pode utilizar ou modificar o software WordPress gratuitamente. Ver <https://kinsta.com/pt/base-de-conhecimento/o-que-wordpress/>.

Figura 8 – Recuperação de um diapositivo



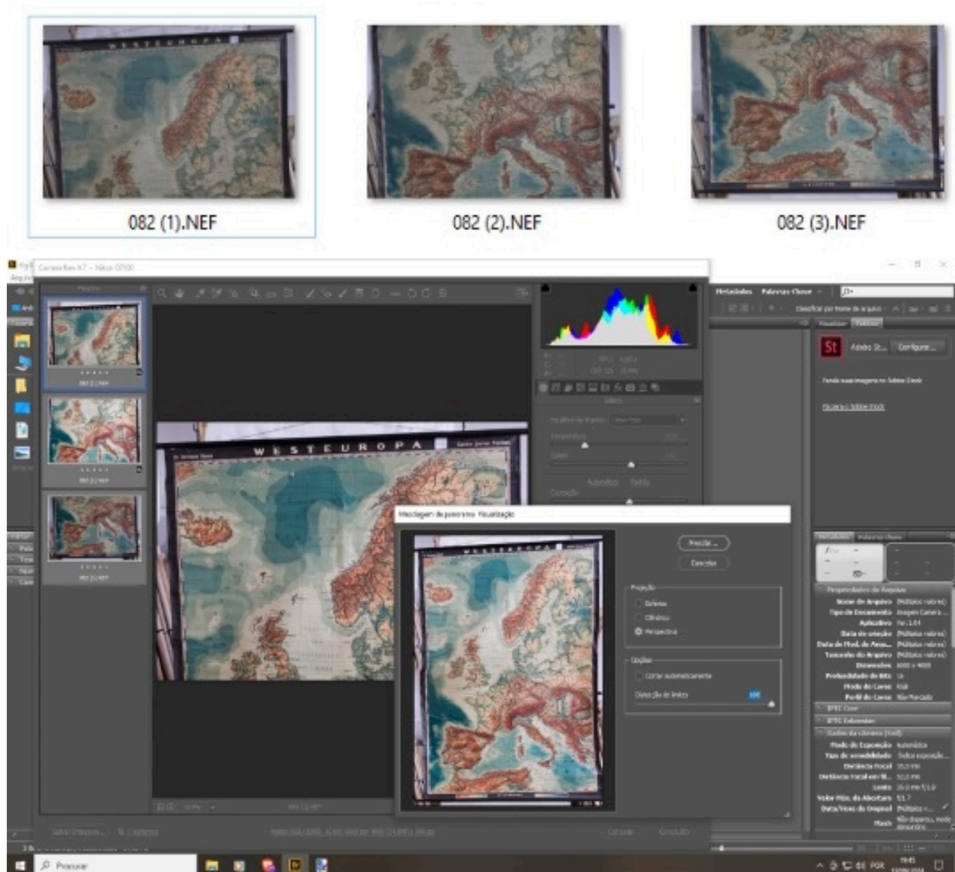
do inventário em excel e o artigo digital disponível no site (composto por ficha descritiva e imagem do mapa em baixa resolução) e na base de dados do Agrupamento (neste caso, com imagem em alta resolução). No caso da ficha para o inventário, as variáveis consideradas são semelhantes a outras já

criadas para o mesmo efeito, pelo que o processo foi mais simples.³

No que diz respeito ao registo fotográfico o processo foi mais complexo

³ A título exemplificativo consultar a página <https://edumuseu.sec-geral.mec.pt/inweb/default.aspx> onde se desenvolve e apresenta um projeto semelhante mas mais vasto.

Figura 9 – Processo de edição de panorama no programa Adobe Camera Raw (ACR) a partir de fotos sobrepostas.



e exigiu mais experimentação até se chegar a uma solução razoável. Para este tipo de trabalho não se pode tirar uma fotografia qualquer, com qualquer tipo de equipamento ou de qualquer maneira, pois corre-se o risco do resultado final ficar aquém do mínimo necessário. Assim, a afinação da técnica passou pela fase da “tentativa e erro” e as primeiras fotos não passaram de experiências. Inicialmente colocou-se a necessidade de um fundo neutro para o registo fotográfico. Então, a partir de um expositor em corticite e com um rolo de papel branco improvisou-se esse fundo que serviu de base aos mapas mas rapidamente surgiu outro problema... Alguns dos mapas são tão grandes que não cabiam no expositor nem permitiam a fotografia de conjunto, de uma só vez, considerando a angular da objetiva utilizada e o afastamento possível do tripé, em função do espaço livre da sala (ver perspectiva da profundidade livre da sala na **Fig. 5**) e do detalhe necessário que se pretendia da foto. Assim improvisou-se, suspenso numa das condutas do sistema de aquecimento existentes no teto da sala, uma espécie de “guincho” com um fio e um mosquetão, na lateral do expositor, para elevar os mapas. À medida que os mapas se iam movendo na vertical, iam-se fotografando, com o cuidado de manter áreas sobrepostas, da mancha gráfica, nas diferentes fotografias. No fim ligaram-se as fotos resultantes através de um “ficheiro panorâmica” (**Fig. 9**) no programa Adobe Camera Raw (ACR) resultando daí

um só ficheiro, editável, do mapa em causa.

Criadas as condições para o registo fotográfico foi-se experimentando a exposição fotográfica, nomeadamente a abertura, o tempo de exposição e o balanço de brancos, sempre com luz natural. Um dos problemas da sala que alberga os mapas (e onde temos de fotografar) é o efeito da luz cruzada,⁴ dado ter muitas janelas e em diferentes ângulos, o que provoca reflexos (**Fig. 5**), principalmente quando o mapa está coberto com verniz ou é plastificado (característica genérica dos mais recentes). Em seguida, testou-se o registo com o material fotográfico disponível e que se revelou mais apropriado,⁵ no caso, uma máquina fotográfica digital reflex APS-C Nikon D7100, uma objetiva fixa Nikkor 35mm f/1,8G AF-S DX e um tripé Manfrotto.⁶ Após o ajuste das configura-

4 O que é natural porque uma sala de aula ou uma sala comum não é pensada para funcionar como um estúdio fotográfico, portanto, tem de ser adaptada, na medida do possível, para tal.

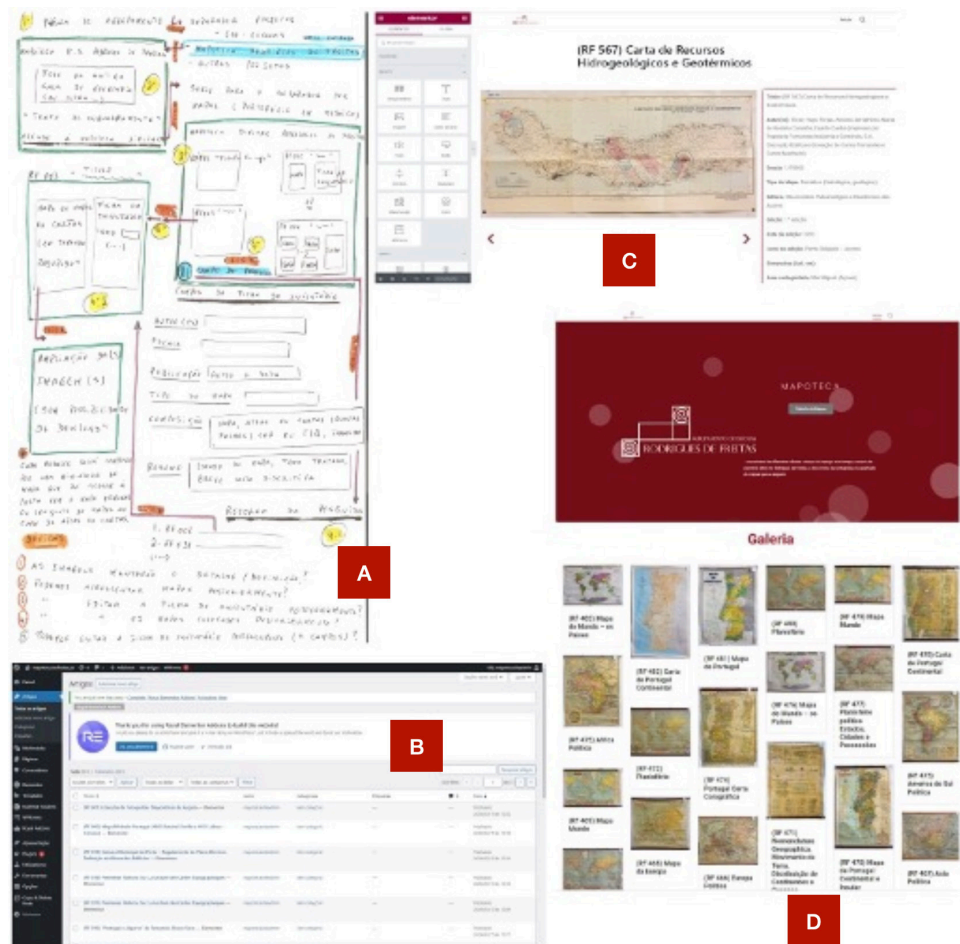
5 Entenda-se, dentro das nossas possibilidades, dado que, tecnicamente, seria desejável algo melhor e mais evoluído mas, o resultado final tem superado as expectativas!

6 Justifica-se, genericamente, dentro das possibilidades, a opção por este material: A máquina desejável seria uma *full-frame* com um sensor digital equivalente à película analógica de 35mm. Dentro da gama das máquinas amadoras (formato APS-C) este modelo da Nikon é um dos mais equilibrados estando equipada, entre outros recursos, com um sensor de 24mpx, muito razoável em termos de desempenho, o que permite fazer cortes nas imagens e, ainda assim, ficar com tamanho suficiente para ser ampliada e ter leitura (testes disponíveis

em <https://www.dpreview.com/reviews/nikon-d7100>); A lente desejável seria uma FX da gama profissional e com zoom para poder ter maior flexibilidade em termos de ajuste entre o tamanho do mapa e o espaço disponível. Dentro do segmento amador a Nikkor 35mm f/1,8G AF-S DX é “a lente”! Para o formato

APS-C (com crop de sensor de 1.5x) esta lente faz, na realidade, aproximadamente 50mm que é a distância focal considerada normal, equivalente ao ângulo do olhar humano. É uma lente de distância focal fixa e por isso mais luminosa e boa para fotografar em interior com luz natural, portanto, simples em termos de grupo ótico

Figura 10 – A idealização inicial da plataforma (A), construção (B, C) e a versão final da plataforma (D)



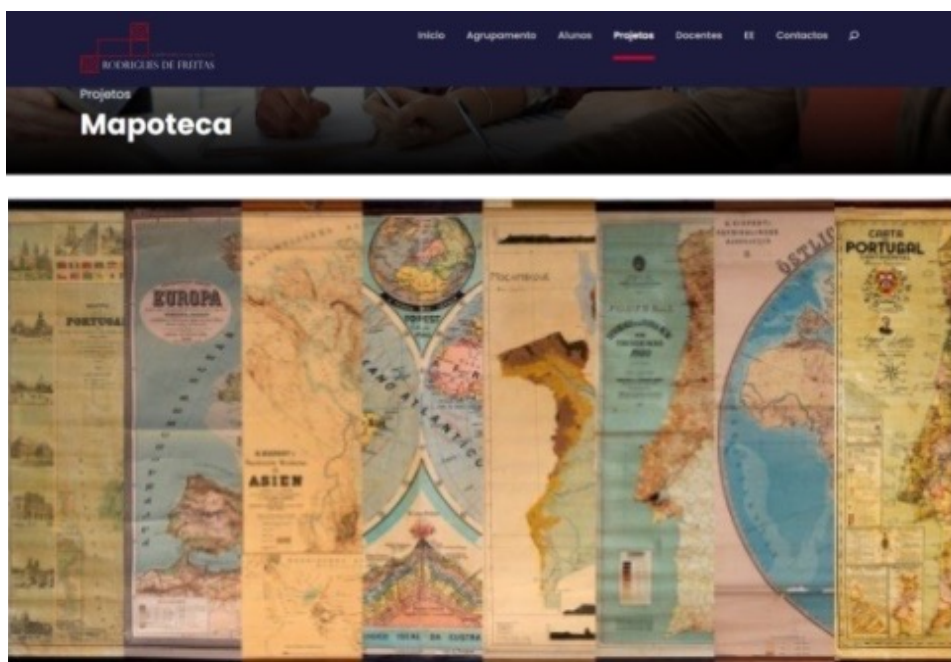
rações adequadas para aquelas condições de luz, foi estudada e testada a melhor colocação e disposição dos mapas a fotografar, do tripé e do ângulo de enquadramento (Fig. 6).

De facto, os materiais e as condições técnicas ideais para um trabalho deste tipo, deveriam ser diferentes, de melhor qualidade, de nível profissional, para obter ficheiros ideais. Acontece

que permite ganhar um pouco mais de detalhe e qualidade (testes disponíveis em <https://www.photozone.de/nikon--nikkor-aps-c-lens-tests/628-nikkor3518dx?start=1>); O tripé revelou-se fundamental dado que todas as fotografias foram tiradas com o tripé e em pré-disparo para evitar a trepidação provocada pelo dedo no momento do disparo.

que, regra geral, e este caso não é exceção, a maioria das escolas não têm este tipo de material fotográfico, pois os telemóveis cobrem a maior parte das necessidades de registo, o que dificulta a aquisição de alternativas. Por esta razão, todo o material fotográfico usado neste projeto foi particular, emprestado por professores da Escola. Considerando que o jpeg é um ficheiro degenerativo, fotografou-se sempre em formato nativo (NEF) que depois foi convertido, no programa Adobe Camera Raw (ACR), para jpeg de alta resolução, superior a 10mb (para o arquivo da Escola) e em jpeg de baixa resolução, cerca de 500 kb (para upload, para a plataforma da mapoteca).

Figura 11 – Entrada da mapoteca no separador “Projetos”



Todas estas etapas fizeram parte de um processo que implicou aprendizagem e evolução, fosse durante as experiências fotográficas, fosse no diálogo com o técnico de informática, para definir a “arquitetura” em WordPress, onde ficou alojada a mapoteca digital. E, neste caso, não chega dizer o que se precisa fazer, mas ouvir e perceber se é possível fazer e de que maneira é possível fazer (**Fig. 10**).

Daremos um exemplo. Por um lado, parecia-nos natural que todos os mapas estivessem disponíveis, na plataforma, em máxima resolução mas, claro que tal não faria sentido porque o site da Escola ficaria extremamente lento e o acesso à plataforma da mapoteca tornar-se-ia fastidioso de consultar, de tão demorado, atendendo ao peso dos ficheiros. Por outro lado, como o orçamentado é sempre o mais modesto e controlado, o ambiente em que foi gerada a plataforma da mapo-

teca (WordPress) é simples mas limitada no que se refere a campos de pesquisa, pelo que esta se reduz a busca por palavra-chave. Fora isso, o *layout* utilizado para a criação da plataforma e a sua utilização é amigável e o ambiente de trabalho WordPress é intuitivo, o que permite que qualquer pessoa, com um mínimo de informação, possa trabalhar no projeto. Criada a plataforma, fotografados os mapas, tratados os ficheiros e preenchidas as fichas do inventário procedeu-se à sua inserção, mapa a mapa, na plataforma. Quando já se tinha lançado um número considerável de documentos passou-se à criação da entrada no separador dos “Projetos” do site do Agrupamento e editou-se o enlace que permitiu o acesso do público (**Fig. 11**) à consulta da coleção, ainda que parcialmente, dado que o processo de inventariação continua em curso.

O passo seguinte foi visitar as escolas do Agrupamento e recolher os mapas existentes em cada uma para o mesmo processo de intervenção, passando estes a fazer parte do universo cartográfico em estudo, sempre com a menção à escola de proveniência, na ficha individual de inventário.

Figura 12 – Processo de digitalização de película de 35mm



Uma primeira abordagem à coleção

Na tentativa de estabelecer uma primeira visão da Cartografia escolar existente na EBSRF decidimos analisar um breve conjunto de variáveis, a partir das informações recolhidas nas

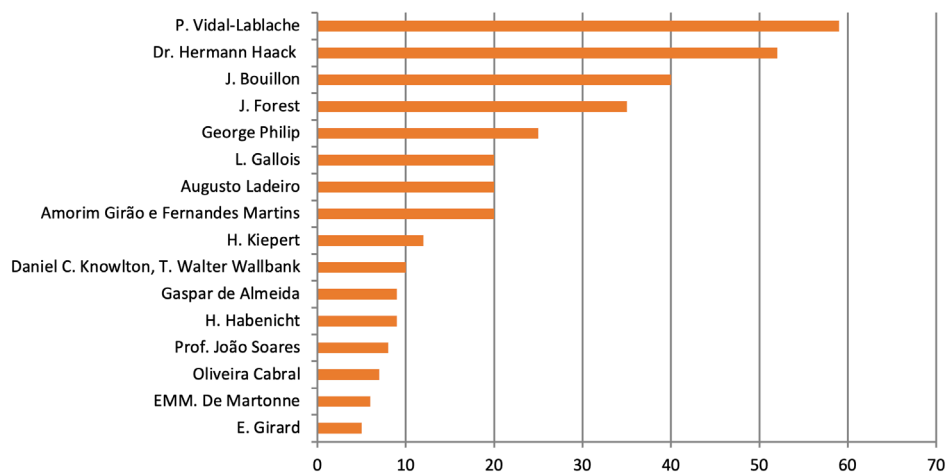
fichas descritivas: apenas as áreas figuradas nos mapas e os autores e editores mais representados (e suas nacionalidades). Quanto aos espaços geográficos analisámos os presentes, total ou parcialmente, em 20 ou mais mapas. No que se refere aos autores, individuais ou coletivos, retivemos os nomes dos que elaboraram ou coordenaram 5 ou mais mapas da coleção; em relação aos editores, registámos os que editaram 10 ou mais mapas.

Optamos por não incluir a produção cartográfica de ex-alunos da Escola, já que são esboços ou maquetas e não de plantas ou mapas editados. Estes critérios justificam-se por se tratar de uma primeira análise empírica da coleção e visam evitar a dispersão da informação e a falta de objetividade. Também não considerámos o material audiovisual porque ainda se encontra numa fase inicial de tratamento

(Fig. 12). Apesar de não se contemplar a tipologia dos mapas é relevante referir a presença de cartas anaglíficas para manuseamento por parte dos alunos invisuais e de baixa visão. A EBSRF é uma instituição de referência para estes alunos que, até à década de 70 do século passado, não podiam frequentar a licenciatura em Geografia, considerando o permanente uso da imagem (especialmente da cartográfica) nas aulas e a leitura da paisagem através da visão. Foi nesta Escola que a situação se alterou, fruto do trabalho da, então professora estagiária, Rosa Fernanda Moreira da Silva.⁷

⁷ Licenciada em Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1964), Rosa Fernanda Moreira da Silva foi responsável pelo desenvolvimento de uma metodologia inédita relacionada com a lecionação de Geografia para invisuais, que viria a implementar no Liceu de D. Manuel II (atual AERF), a partir de 1969. Em janeiro de 1972, foi convidada para

Gráfico 1 – Principais autores dos mapas escolares existentes na mapoteca da EBSRF



Genericamente, tal como consta nos **gráficos 1 a 4**, a Cartografia escolar abriu o Curso de Geografia na Universidade Porto, cargo que assumiu em agosto de 1973.

lar mais presente na coleção da EBSRF é dominada por autores e editores franceses e alemães. Aliás, os mapas parietais propriamente ditos, são obra

Gráfico 2 – Principais instituições produtoras dos mapas da Mapoteca da EBSRF

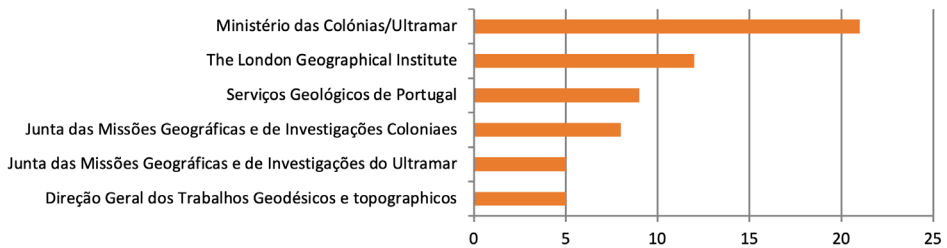


Gráfico 3 – Distribuição dos mapas por nacionalidades de autores

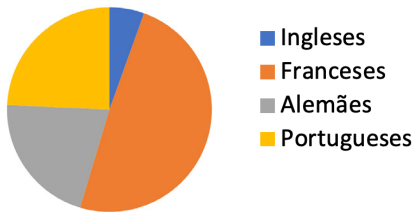


Gráfico 5 – Distribuição de mapas por espaço geográfico

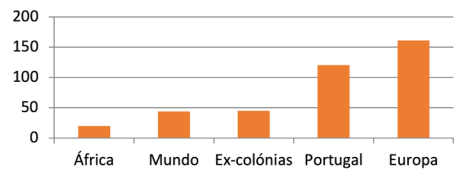
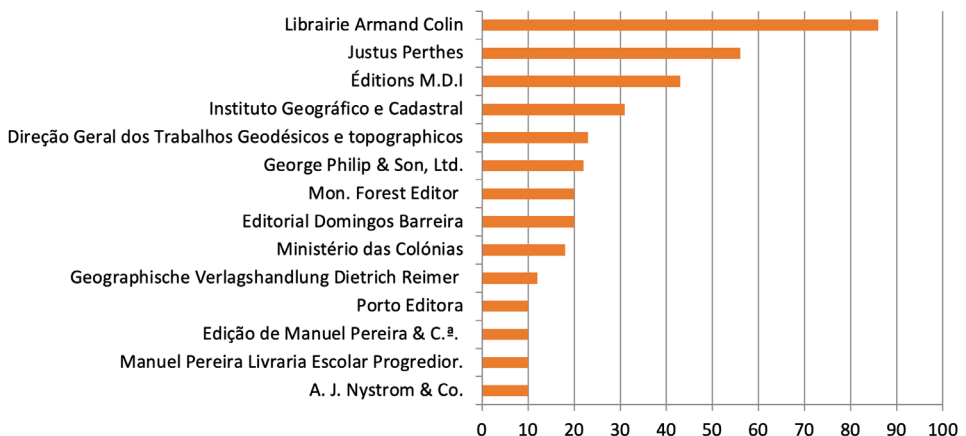


Gráfico 4 – Distribuição de mapas por editor



destes, nomeadamente, Hermann Haack, Vidal-Lablache, J. Forest e Kiepert mas, o britânico George Philip também surge com uma vasta e variada produção.

Quanto aos autores e editores nacionais, em grande parte devido à temática colonial, também se encontram bem representados, sobretudo, pelas produções coordenadas pelo Ministério das Colónias (posteriormente Ministério do Ultramar) e dos Serviços Geológicos de Portugal. No que se refere à elaboração e divulgação de mapas escolares destaca-se o cartógrafo (inspector escolar) Augusto Ladeiro, com as várias edições da sua Carta de Portugal Continental (quase um mapa enciclopédico) e dois geógrafos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, A. de Amorim Girão e A. Fernandes Martins.

Entre as casas editoriais há quatro que se destacam: as francesas Librairie Armand Colin, ligada à edição dos mapas de Vidal-Lablache, e Éditions M.D.I., com uma grande quantidade de edições de mapas escolares mais recentes (das décadas de 1970 e 1980), a alemã Justus Perthes ligada à edição dos mapas de Herman Haack ou de H. Habenicht e o Instituto Geográfico e Cadastral,⁸ herdeiro da tradição topográfica e cartográfica nacional institucionalizada com a Sociedade Real

8 O Instituto Geográfico e Cadastral foi extinto em 1994, sendo transferidas todas as suas competências para o Instituto Português de Cartografia e Cadastro (<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4205422>) cujas atribuições foram, posteriormente, transferidas para o Instituto Geográfico Português (IGP) atualmente parte integrante da Direção-Geral do Território (DGT).

Figura 13 – Northern Celestial Hemisphere. Southern Celestial Hemisphere.

Londres, Edward Stanford (s.d).



Marítima, Militar e Geográfica, no final do século XVIII.

No que respeita aos espaços são cinco os mais presentes (**Grf. 5**): Europa, Portugal, ex-Colónias Portuguesas, Mundo e África (por ordem decrescente). Para a “quantificação” do espaço português considerou-se toda a figuração de Portugal Continental e Insular (no seu todo ou em parte). Da mesma forma se procedeu em termos de quantificação para a Europa e a África. Para as ex-Colónias, a contabilidade foi feita por cada uma delas ou, no caso dos arquipélagos, ilha a ilha. Quanto à escala mundial quantificou-se a presença do planisfério ou de cada hemisfério terrestre (de forma isolada ou em pares). Até meados da década de 70 registou-se um grande

fluxo de material cartográfico para a EBSRF, bastante variado (**Fig. 13**) e até com um certo caráter “exótico” (**Fig. 14**).

À medida que nos aproximamos da atualidade (particularmente a partir da década de 90 do século passado), os documentos que ainda chegam à mapoteca começam a ser menos diversificados. Trata-se agora de mapas temáticos elaborados a partir de bases estatísticas, sobre Portugal e a União Europeia.

Conclusão (ideias para o futuro)

Quando comecei a frequentar o Curso de Geografia na Faculdade de Le-

Figura 14 – Excerto da Carta [de] Geographia dos Lusíadas poema épico de Luís de Camões dedicada a S.M El-Rei D. Luís I (1883)



tras da Universidade do Porto, numa das aulas da disciplina de Introdução aos Estudos Geográficos, o nosso professor João Garcia confidenciou-nos, em tom de brincadeira, que São Inocêncio, pela sua erudição, seria o padroeiro dos bibliotecários, arquivistas e demais profissionais dedicados à compilação deste tipo de acervos. Confesso que com o desenvolvimento deste projeto acho São Inocêncio mais padroeiro dos inocentes (que embarcam nestas andanças!) do que propriamente dos eruditos...

Este projeto tem-se revelado fascinante, mas moroso e longo, o que implica persistência e resiliência, ficando longe de se esgotar num par de anos. Vão surgindo novos materiais catalogáveis em espaços improváveis misturados com materiais de outras disciplinas... Com efeito, a EBSRF é enorme e à data das obras da empresa “Parque Escolar”, qualquer espaço mais reservado serviu para guardar os materiais mais diversos que acabaram espalhados pelos edifícios da instituição.

Alguns materiais, nomeadamente os audiovisuais, trazem dificuldades inesperadas que acabam por condicionar o desenvolvimento do projeto. A não utilização destes recursos tornou também obsoletas e dispensáveis as máquinas que liam e projetavam as imagens gráficas. E como digitalizar agora centenas de diapositivos? Como digitalizar metros de películas de 35mm ou filmes...? Conseguiremos evitar que esta informação se perca para sempre? Para já este é o desafio, o nó que terá de se soltar... ou não!

O ponto de ordem e fecho desta etapa do processo será estabelecer a correlação entre o cadastro de bens do Gabinete de Geografia de 1938 e o atual inventário em curso. Depois, num segundo momento, em termos de espaço físico, a acomodação do acervo num espaço visitável e a sua divulgação, à imagem daquilo que tão bem está a ser feito no Museu da Ciência da EBSRF.⁹

Uma articulação possível poderia ocorrer entre a sala da mapoteca e a Biblioteca Jaime Cortesão (existente na mesma Escola), funcionando esta, em momentos específicos, como um espaço de exposições cartográficas temáticas e temporárias, servindo como “apoio físico” à mapoteca. Mas, a melhor alternativa seria, seguramente, a criação de um espaço próprio, numa das salas da EBSRF, para acomodação e exposição deste acervo documental de exceção, dotando-se essa mapoteca com filas de estantes apropriadas aos mapas e plantas, que possibilitem a sua acomodação condigna, com ventilação e arejamento mais adequado, com uma humidade relativa mais controlada, sem oscilações térmicas tão acentuadas, sem luz solar direta e com mobiliário que permitisse arrumar os

9 A este propósito sugere-se a leitura dos artigos, “Os Herbários do Museu da Ciência da Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas: apresentação histórico-científica e propostas educativas” e “Os modelos botânicos museológicos na concretização das aprendizagens essenciais”, na revista *Rumos a Oeste* (2024, n.º4) do Centro de Formação de Escolas do Porto Ocidental.

mapas enrolados na posição horizontal e, ainda, se exequível, deixar espaço livre visitável (com exemplares expostos rotativamente) para o acesso de professores, alunos e público interessado.

Relativamente ao espaço virtual, este encontra-se sempre editável e a receber novos contributos. Todo o acervo cartográfico inventariado até ao momento, está disponível no link <http://mapoteca.aerfreitas.pt> para consulta e requisição, em alta resolução e para maior divulgação do acervo, tendo em conta as limitações do espaço físico que alberga a coleção. Para lá das parcerias externas, pondera-se a criação de um canal do youtube que permita a partilha de conteúdos criados no âmbito do Museu e da Mapoteca.

Este é um projeto em construção com a imprevisibilidade que a descoberta constante de materiais diversos e o aparecimento de novas dificuldades lhe trazem!

Bibliografia

Correia, Luís Grosso (2016). *Récita do Liceu: O liceu de Rodrigues de Freitas/D. Manuel II no Es-*

- tado Novo*. Lisboa: Edições Colibri & Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas
- Cortesão, Luiza (2016). 'Recensões: Récita do Liceu: O liceu de Rodrigues de Freitas/D. Manuel II no Estado Novo'. Porto. CIIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto: Educação, Sociedade, Cultura.
- Dias, M. Helena e Feijão, M. Joaquina (1995). *Glossário para indexação de documentos cartográficos*. Lisboa: IBL.
- Ferreira, Carla (2015). *Abreviaturas utilizadas na descrição bibliográfica*. Coimbra: Serviços de Biblioteca e Documentação da FLUC (policopiado).
- Gomes, Palma (2011). *A Cartografia Militar portuguesa no século XX: contributos do Instituto Geográfico do Exército*. Porto. "IV Simpósio Luso-brasileiro de Cartografia Histórica". Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Hedgecoe, John (2000). *O Manual do Fotógrafo*. 6ª edição, Porto: Porto Editora.
- Moreira, Pedro Manuel Ramos (2004). *Digitalização e catalogação dos mapas da Biblioteca Pública de Évora*. Évora: Biblioteca Pública de Évora.
- Saraiva, Ana Bela (2024). Os Herbários do Museu da Ciência da Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas. Apresentação histórico-científica e propostas educativas. *Rumos a Oeste*, n.º 4, pp.2-II. CFEPO - Centro de Formação de Escolas do Porto Ocidental.